



*Por uma cultura de paz*

## **128. RedeUnaViva: Meditação Cristã 128 – paragem 233 – 26.02.2017**

MATEUS 18:15-35; LUCAS 17: 3-4

### **O PERDÃO**

#### **Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

1. Por que o erro do irmão no campo pessoal deve ser tratado de forma diferente daquele cometido contra a comunidade cristã?

2. Por que e quando devo perdoar setenta vezes sete?

#### **Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:**

3. Como o perdão favorece a prática da meditação?

#### **128.1 Introdução: O Erro Individual e o Erro Coletivo.**

Esta é outra passagem em que há divergência quanto à sua localização temporal. Pastorino ajusta-a ao Ministério da Judeia, enquanto Watson e Allen, na Harmonia dos Evangelhos, situa-a no final das Retiradas, portanto, ainda na Galileia. Seguimos esta cronologia, acompanhando Mateus, mesmo sabendo que a disposição temporal nem sempre está bem orientada neste evangelista.

A comunicação de Jesus dirige-se muito em particular ao grupo íntimo dos apóstolos, alertando-os haver um trabalho suplementar, que cada um deve exercer para o bem da comunidade, visando manter sua integridade e representação. Refere-se ao apoio mútuo de vigilância para aquilo que a comunidade estará expressando. Daí o alerta para o tropeço factível dos seus integrantes.

De novo, a participação de Pedro com uma pergunta complementar, enseja ao Cristo uma diferenciação assaz curiosa, discriminando o erro do indivíduo contra outro integrante da comunidade daquele que ele comete quando sua ação representa o núcleo de base. Errar contra o irmão merece menos admoestação do que quando seu tropeço compromete o todo, já que ele estará sendo visto como um representante do



### *Por uma cultura de paz*

movimento, responsável pela manutenção e divulgação da mensagem cristã. Está ainda o Cristo alertando que este tipo de erro não permaneça avalizado pelos demais. Logo, uma vigilância extra deve ser exercida por todos.

Diferenciar o equívoco pessoal daquele de ordem coletiva é o primeiro grande tema desta passagem. O outro recai sobre a necessidade do perdão. Para explicar a singularidade e o desafio do perdão cristão, quando o descuido ou a ofensa ocorre no campo da relação interpessoal, o Cristo lança mão de uma parábola que ilustra seu ensinamento.

Temos a oportunidade de averiguar o alcance deste desafiador tema da ética cristã, nos longos vinte e um versículos de Mateus. Há um adendo com particularidades, introduzido em dois versículos de Lucas, que nos caberá entender.

#### 128.2 Evangelho-parte 1: O erro do irmão na vida comunitária (Mt)

<b>Mateus 18:15-35</b>	
15. Se teu irmão errar (contra ti), vai avisá-lo entre ti e ele sozinho. Se te ouvir, terás ganho teu irmão.	
16. Mas se não ouvir, toma contigo ainda um ou dois, para que por boca de duas ou três testemunhas se resolva toda a questão.	
17. Se, porém, não lhes atender, diz à comunidade; se também não atender à comunidade, seja-te como o estrangeiro e o cobrador de impostos.	

1. “Se teu irmão errar, vai avisá-lo entre ti e ele sozinho. Se te ouvir, terás ganho teu irmão.

2. Mas se não ouvir, toma contigo ainda um ou dois, para que por boca de duas ou três testemunhas se resolva toda a questão.

3. Se, porém, não lhes atender, diz à comunidade; se também não atender à comunidade, considere-o como o estrangeiro e o cobrador de impostos”.

#### 128.3 Evangelho-parte 2: A relação entre o grupo formado na Terra e a sua prevalência na espiritualidade (Mt)

<b>Mateus 18:18-19</b>	
18. Em verdade vos digo, tudo o que ligardes sobre a terra será ligado no céu; e tudo o que liberardes sobre a terra, será liberado no céu.	
19. Novamente vos digo, que se dois de vós, sobre a terra, concordarem sobre qualquer coisa que pedirem, ser-lhes-á feita por meu Pai que está nos céus.	
20. Porque onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou no meio deles.	



### Por uma cultura de paz

4. “Em verdade vos digo, tudo o que ligardes sobre a terra será ligado no céu; e tudo o que liberardes sobre a terra, será liberado no céu.
5. Novamente vos digo, que se dois de vós, sobre a terra, concordarem sobre qualquer coisa que pedirem, ser-lhes-á feita por meu Pai que estás no céu.
6. Porque onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou no meio deles”.

#### 128.4 Evangelho-parte 3: Perdoar quatrocentos e noventa vezes (em um dia) (Mt, Lc)

<b>Mateus 18:21-22</b>	<b>Lucas 17:3-4</b>
21. Então, aproximando-se Pedro, disse-lhe: "Senhor quantas vezes errará meu irmão contra mim e o relevarei? até sete vezes"?	3. "Cuidai-vos de vós. Se teu irmão errar, repreende-o, e se mudar a mente, libera-o,
22. Disse-lhe Jesus: "Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete.	4. e se sete vezes no dia errar contra ti, e sete vezes no dia voltar a ti dizendo: "mudo a mente", liberá-lo-ás".

7. Aproximando-se Pedro, disse-lhe: “Senhor quantas vezes errará meu irmão contra mim e o relevarei? Até sete vezes”?
8. Respondeu-lhe Jesus: “não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete”.

#### 128.5 Evangelho-parte 4: O Perdão do Senhor (Mt)

<b>Mateus 18:23-27</b>
23. Por isso, foi assemelhado o reino dos céus a um homem rei, que quis ajustar contas com seus servos.
24. Tendo começado a ajustá-las, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos.
25. Como não tivesse, porém, com que pagar, mandou-o o Senhor ser vendido, e também a esposa e os filhos e tudo o que tinha, para pagar.
26. Prostrando-se, então, o servo, instava dizendo: "Senhor, tem paciência comigo e tudo te pagarei".
27. Compadecendo-se o Senhor daquele servo, liberou-o e relevou-lhe a dívida.

9. “Por isso, foi assemelhado o reino dos céus a um homem-rei, que quis ajustar contas com seus servos.
10. Tendo começado a ajustá-las, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos.
11. Como não tivesse com que pagar, mandou-o o Senhor ser vendido, e também a esposa e os filhos e tudo o que tinha, para pagar.
12. Prostrando-se o servo, instava dizendo: “Senhor, tem paciência comigo e tudo te pagarei”.
13. Compadecendo-se o Senhor daquele servo, liberou-o e relevou-lhe a dívida.



*Por uma cultura de paz*

#### 128.6 Evangelho-parte 5: O Não-Perdão do servo (Mt)

<b>Mateus 18:28-30</b>
28. Tendo, porém, saído aquele servo, encontrou um de seus companheiros, que lhe devia cem denários, e segurando-o o sufocava dizendo: "paga o que me deves".
29. Caindo-lhe, então aos pés, seu companheiro o implorava dizendo: "tem paciência comigo, e te pagarei".
30. Ele porém não quis e, indo embora, lançou-o no cárcere até que pagasse a dívida.

14. Tendo saído aquele servo, encontrou um de seus companheiros, que lhe devia cem denários, e segurando-o o sufocava dizendo: "paga o que me deves."

15. Caindo-lhe, então aos pés, seu companheiro o implorava dizendo: "tem paciência comigo, e te pagarei".

16. Ele porém não quis e, indo embora, lançou-o no cárcere até que pagasse a dívida.

#### 128.7 Evangelho-parte 6: O Reajuste pelo Carma (Mt)

<b>Mateus 18:31-35</b>
31. Vendo, pois, os companheiros dele o ocorrido, entristeceram-se muito e, indo, narraram (com pormenores) tudo o que aconteceu a seu Senhor.
32. Então chamando-o, o Senhor disse-lhe: "Servo mau, relevei-te toda aquela dívida, porque me pediste;
33. não devias também tu compadecer-te de teu companheiro, como eu me compadeci de ti"?
34. E, indignando-se, seu Senhor entregou-o aos verdugos, até que pagasse toda a dívida.
35. Assim também meu Pai celestial fará convosco, se cada um não relevar a seu irmão do imo do coração".

17. Vendo os seus companheiros o ocorrido, entristeceram-se muito e, indo, narraram com pormenores tudo o que aconteceu ao seu Senhor.

18. Chamou-lhe o Senhor e disse-lhe: "servo mau, relevei-te toda aquela dívida porque me pediste.

19. Não devias também tu te compadecer de teu companheiro, como eu me compadeci de ti?

20. Indignando-se, seu Senhor entregou-o aos verdugos, até que pagasse toda a dívida.

21. Assim também meu Pai celestial fará convosco, se cada um não relevar a seu irmão do imo do coração"



*Por uma cultura de paz*

## 128.8 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

### **1. Porque o erro do irmão no campo pessoal deve ser tratado de forma diferente daquele cometido contra a comunidade cristã?**

Como seres humanos, em estado egoico, distamos da abençoada condição do divino Mestre. Dele foi dito: “fez tudo certo (**Marcos 7:37**)” – condição do Espírito perfeito. Chegaremos lá, sim. “Sedes perfeitos como perfeito é o vosso Pai celestial” é uma exortação que antecipa o alvo e encoraja a caminhada. Acertamos e erramos. Subimos e quedamos. Há erros que importam ao circuito estrito do relacionamento pessoal e há aqueles que envolvem esfera ulterior, como a dos agrupamentos. Saber a diferença de significado entre estes tipos de erro permite adequar resposta a cada uma das circunstâncias, principalmente se estamos no lugar de quem recebe a ação equivocada ou assistimos seu acontecimento.

A identidade pessoal, carente de aprimoramento, expressa-se como resultado da interação entre livre-arbítrio, tendências e o entendimento da sua inserção na existência. É de responsabilidade individual. Não se pode dizer o mesmo da identidade que se estabelece em um nível acima, ou seja, a entidade grupal. Ela é constituída por pessoas que abraçaram alguma causa comum que vale defender e propagar. Caracteriza-se por princípios éticos e doutrinários, normas de comportamento, diretrizes de ações que traduzem a ideologia assumida.

Como estamos num grau precário de desenvolvimento espiritual, nossos grupos e instituições apresentam inúmeros problemas, próprios do trânsito complicado que atravessamos. Contraditórios, crises, peijas e dissensões são incidentes frequentes no percurso de um grupo. Porque não raro termina em dissolução, superar conflitos, por outro lado, fortalece os liames da entidade coletiva.

Estamos em época, naquele cenário palestino de dois milênios atrás, de conversa sobre a formação e funcionamento do incipiente colégio apostólico. Discussões a partir da questão de ser o maior ou de assumir a liderança do grupo já foram presenciadas. Outras amadurecerão. O Cristo orientava sobre a conduta a ser tomada quando a crise adviesse. Como proceder quando decorresse de atitude equivocada de um dos membros da comunidade? Lições sobre a necessidade da sintonia com o Pai já fora passada. Todos os apóstolos deveriam se esmerar para alcançar este grau de excelência. Era indispensável a reforma íntima para que o reino de Deus despertasse. No percurso, estariam sujeitos a equívocos e tropeços. Não assistimos a um destes recentemente, quando Pedro foi desatento? Haveriam repetições. Daí vem a indicação do Mestre: “se teu irmão errar (“o contra ti” parece ter sido enxerto improcedente), vá avisá-lo. Num primeiro ato, reserve o encontro pessoal



*Por uma cultura de paz*

entre tu e ele. Se tua sintonia com o Pai for arguta, disporá de argumentos convincentes para que o irmão seja dissuadido do erro. A comunidade terá ganho um irmão. Se a medida for inócua, convida mais um ou dois companheiros, como interlocutores e testemunhas. A ideia, circulada em mais cabeças, será depurada, principalmente se os convidados cultivarem o zelo da sintonia interior. Caso prevaleça o insucesso, há risco de a diferença crescer comprometendo a convivência harmoniosa. Ao contrário, resgatando o entendimento mútuo fortalecem-se os laços de união. Na prevalência da discórdia, a desvinculação de quem destoa, ou até o desmembramento de um subgrupo, poderá configurar o desfecho da crise. Os dissidentes devem receber o mesmo tratamento dedicado aos estrangeiros e publicanos. Por ser um tratamento cristão, afinado com uma ética muito adiantada, reserva-lhes um lugar de dignidade e de respeito, a que todo o ser humano tem direito.

Esta é a atitude indicada diante do comprometimento de um membro, seja para com a própria comunidade cristã seja para mais além. Na lida com este tipo de problema é possível estreitar os liames do grupo, tanto com a manutenção como com a desfiliação do participante não-afinado. Há que garantir a fidelidade ao programa, para uso interno e externo. Isto porque a entidade coletiva cristã tem responsabilidade ímpar no conserto do mundo e cabem aos seus constituintes zelar por sua pureza e eficiência.

Acrescento outro motivo como especulação – o da possibilidade deste agrupamento ser um dos únicos a ter prevalência no plano espiritual. Junto, cabe-nos o entendimento que marchamos na direção dualidade construir uma célula social na Terra, como parte de um grande organismo cósmico-espiritual.

Aprendemos mais três particularidades sobre a agremiação cristã, através desta lição legada pelo Mestre: 1) duas pessoas compartilhando o ideal evangélico já é suficiente para a constituição desta comunidade; 2) a experiência desta convivência terrestre funciona como base para o estabelecimento de uma entidade coletiva que permanecerá no plano espiritual; 3) quando este grupo reivindica, em sintonia com os princípios superiores, seu pedido adquire força estupenda – por isto, o valor da prece convicta praticada em grupo.

## **2. Por que e quando devo perdoar setenta vezes sete?**

É um exagero desnecessário fazer o cálculo que resulta no número de perdão que o cristão deve ser capaz de oferecer. Não são quinhentas ou mil vezes, mas indefinidamente.



### *Por uma cultura de paz*

Se no trato com a célula cristã, o indicado é cuidar para que não expresse o equívoco, já que ela veicula, ou deveria veicular, a mensagem do nosso querido Mestre, o mesmo não se repete quando o erro é do outro contra nós, de pessoa a pessoa. Irmão era um termo reservado, e hoje ainda o é em alguns agrupamentos, para o companheiro de fé. Pois, seja o suposto infrator irmão ou não, devemos perdoá-lo tantas vezes quantas forem aquelas em que ele se comprometer conosco. Neste caso, o que está em questão não é o erro do indivíduo, mas a nossa capacidade de amar quem nos ofende ou prejudica. Portanto, nossa capacidade de transformar ressentimento em acolhimento, ódio em benquerença, e revanchismo em prece.

Que recursos são passíveis de evocação visando o sucesso desta transformação? Há todo um entendimento disponível que favorece o alcance deste resultado para um dos mandamentos mais difíceis da Boa Nova. “Foi lhe dito olho por olho e dente por dente, mas eu vos digo que não resistais ao mau; se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra” (**Mateus 5: 38-39**). De saída há que exaltar que perdão é matéria do coração e tem a ver com sentimento. Não é coisa nem do entendimento, nem da palavra. Ou seja, se não houver coração aberto para receber o outro, figurado como difícil e problemático, o perdão ainda carece de trabalho interior para que venha a vigorar. Está para além das palavras, e a pessoa acometida tem, por este critério, total condição de saber se deveras perdoou. Em caso negativo, e se estiver matriculado nas fileiras do cristianismo, então, urge a necessidade do labor de transformação.

Outras considerações ampliam o entendimento sobre o perdão. O perdão não implica em abrir mão daquilo que cabe ser realizado. Destaquemos três atividades, de acordo com os *dinamismos da personalidade*. Há situações em que preciso cuidar, amparar, proteger. No *dinamismo matriarcal*, preciso aceitar as exigências de quem é cuidado, suas limitações, físicas, emocionais e mentais. Preciso dar cuidado com afeto, independente de qualquer reconhecimento. Em outras, me cabe educar, disciplinar e cobrar. No *dinamismo patriarcal*, não desistir por conta da rebeldia e hostilidade de quem recebe é o lema. Perdoar é continuar operando o necessário, mesmo que o resultado inicial seja precário. Jesus curou pecadores, recebeu as criancinhas, e, não obstante ter se precavido quanto às investidas contrárias dos adversários, continuou pregando seu Evangelho na terra dos fariseus. Se estou no *dinamismo filial*, recebendo cuidados ou comandos de quem desempenha a função materna ou paterna e há da parte deles ação imprópria, perdoar é continuar recebendo o que me dão e, ainda, aceitar seu regime de limitação. Isto já evoca o *dinamismo da alteridade*. Se recebo deles no que conta a formalidade, ofereço, de retorno, paciência e compaixão, tolerância e indulgência. Avançando na *alteridade*, posso convidar o outro a refletir sobre a inadequação de certas atitudes, favorecendo sua reflexão e a harmonização das partes envolvidas. Mas se em nenhuma destas ocorrências a mudança para o justo acontecer, então, é tempo do inadiável exercício do perdão.





### *Por uma cultura de paz*

Para ilustrar, trago uma passagem em que o Cristo, vibrando com máxima propriedade no *dinamismo do amor e da sabedoria*, exerceu a alteridade. Interrogado pelo Sumo Sacerdote sobre sua doutrina, respondeu que, discursando nas sinagogas e nas praças, nada escondera e, portanto, sua doutrina era de domínio público. Complementa, com assertividade, que, por isto, era dispensável que o sacerdote se dirigisse a ele. Bastaria que perguntasse aos que o tinham ouvido. Um escudeiro considerou a resposta uma afronta à autoridade e, repreendendo-o, esbofeteara-o a face. É aí que a alteridade emerge com a lucidez do sábio: “se falei mal, dá testemunho do mal; e, se bem, por que me feres”? (**João 18:19-23**). Não reage à agressão com violência e nem, ao contrário, se cala. Mas adiciona a palavra bem-posta. Numa hora destas, a autoridade, com poder ostensivo, não tendo como acordar a justiça no plano das ideias, geralmente responde com a truculência física. Caso ocorra, o ente altaneiro precisa se recolher acolhendo o réprobo com o perdão. É o que o Cristo assume, aceitando em silêncio o sacrifício máximo que lhe é imposto a partir deste momento. Culmina a cena com o expressivo “Pai, perdoa-lhe porque não sabem o que fazem” (**Lucas 23:34**).

Já havia ensinado em tantas ocasiões sobre a pertinência e a necessidade do perdão, a fim de que uma nova e ousada ética viesse a prevalecer na Terra. “Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus” (**Mateus, 5:43:44**).

É a indicação máxima e esclarecida do perdão. Quando perdoar? Sempre. Por que perdoar? Porque pelo seu exercício criamos condição de permanecer com o coração aberto para todos, e, em principal, para aquele que nos ofende, porque se ele assim o faz é por acreditar que temos algo que o impede de fazer bom vínculo conosco. Como o inexorável destino é o de estabelecermos o bom vínculo com todos, esta impressão negativa haverá de ser quebrada. Perdoando, da nossa parte já estamos dando o passo nesta direção. Caminhamos para a transformação a que todos passarão. Ao fazer isso, escolhemos o caminho mais curto e rápido, com menos sofrimento para nós e para os envolvidos. Não é mais do que a límpida lei do amor em prática. A de amar não apenas os que nos querem bem ou aqueles que partilham da nossa ideologia, aqueles que gostaríamos que participassem do nosso clube ou tribo, mas os que pensam diferente, aqueles que nos recriminam e perseguem, por quererem o nosso mal ou castigo. Entendemos que um dia haverá uma só família, a família humana, em união espiritual. Este projeto começa agora, conosco, com quem já partilha de tal entendimento.





*Por uma cultura de paz*

## 128.9 Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

### 3. Como o perdão favorece a prática da meditação?

Se sento para meditar com pendência na relação com o próximo, amigo ou familiar, colega ou estranho, meu coração é turvo, e sem a cristalina água não posso divisar a pérola do reino de Deus, nas profundezas do oceano interior.

Se me recolho para orar com queixa daquele que me ofendeu, daquele que me recriminou ou me humilhou, sou um poço de mágoa até o peito, e não posso beber da água viva.

Não dá para falar com Deus, caso prevaleça em meus pensamentos ideais de divisão – do tipo de nós contra eles, dos bons versus os maus, dos justos querendo eliminar os injustos.

Não dá para criar uma cultura de paz, se em meu ideário uns precisam ser discriminados e outros favorecidos, se alguns precisam ser compensados e tantos punidos. Não devo ser eu a clava da justiça, até porque com toda a miopia espiritual não contemplo nem mesmo os fatores que determinam minha própria realidade, quanto mais a dos outros, ou mais ainda a complexa relação entre os envolvidos.

Preciso, sim, cultivar os sentimentos de amor, acolhendo a todos com suas imperfeições e limitações. Acaso, tenho mérito próprio para já me transferir para a esfera dos eleitos. Estou sem jaça ou titubeios, sem erros ou covardia.

Estamos num plano que é o das linhas tortuosas, e só darei conta, quanto muito, de consertar minhas veredas. Isto, com a ajuda de Deus, com a paciência dos amigos, com a indulgência até mesmo dos adversários, a quem precisarei pedir, quiçá implorar, em tempos adversos. Se vier a contribuir para que o outro se conserte, será muito mais por exemplos que precisarei me empenhar para dispor.

Não dá, Divino Amigo, para eu ficar ditando normas para os administradores seguirem, prescrevendo receita para o amigo tomar, ou programa para o familiar cumprir. Não serei capaz de mudar a ninguém, a não ser modificando nossa relação, onde o polo mais importante de reforma sou eu. Agradeço a diversas oportunidades com que tu me brindas, por meio das pelejas diárias.

Como o plano é o das linhas tortas, devo aceitar a prova e a demanda que sobre mim recaem, e deixar ao Legislador Supremo, o cuidado de não apenas fazer a justiça, mas muito mais, o de oferecer as condições indispensáveis para que cada um realize o seu percurso ascendente.

É ele, que sábio e amoroso, escreve certo por todas estas estradas em desalinho. Aceito e reverencio; acolho com agradecimento, e faço e passo.



*Por uma cultura de paz*

Se ainda não consigo dispensar a necessidade do perdão como aquele que não se ofende, como aquele que entende e acolhe a limitação do próximo, no ato da convivência, preciso, sim, me exercitar para perdoar sempre. Sempre que o sentimento difícil emergir, não cultivar rancor, para que este não cresça como verbo da maledicência e atitude de evitação. E para que estes, como ódio, não venham a alimentar o comportamento de revanchismo e vingança.

Não importe o que me faça o outro nem quando. Se for viável alertá-lo para o bem da nossa harmonia, concitando-o à boa vontade, ótimo, mas se não, que eu cultive de imediato o perdão incondicional, certo de que ele substituirá um mar revolto de emoções atravessadas. Se estas me impedem o caminho para a meditação nutridora da alma, por outro lado, o perdão, filho do amor verdadeiro, purifica o coração e instaura a paz que ultrapassa todo entendimento.

#### **128.10 Versículo(s) para a meditação: Mateus 18: 21-22**

21. Então, aproximando-se Pedro, disse-lhe: "Senhor quantas vezes errará meu irmão contra mim e o relevarei? até sete vezes?"

22. Disse-lhe Jesus: "Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete.

**RedeUnaViva: Meditação Cristã 129 – paragem 234 – 05.03.17**  
**LUCAS 9:51-56; JOÃO 7:1-10.**